

Clonagem de Paisagens: Como Alguns Projetos de Intervenção Transformam as Paisagens Urbanas em Não-Lugares*

Angelo Serpa

**Professor adjunto doutor do
Departamento e mestrado de
Geografia e do mestrado
em Arquitetura e Urbanismo,
da Universidade Federal da Bahia**

FUNDAMENTOS

Em um mundo globalizado, a paisagem torna-se "virtual" Pode-se reinterpretá-la e recriá-la. Pode-se também reproduzi-la em todos os pontos da superfície terrestre sem prejuízo de suas características essenciais. Assim, torna-se possível a clonagem de paisagens específicas e a criação de "não-lugares" Em uma sociedade, onde o maior prazer humano está aparentemente no consumo, é patente a uniformização visual e funcional dos espaços livres públicos no meio ambiente urbano. Os parques se assemelham cada vez mais aos *shopping centers* e os *shopping centers* se tornam cada vez mais "verdes" Com a proliferação dos parques temáticos, o idílio transforma-se em uma espécie de *shopping center* a céu aberto. O presente trabalho faz uma análise crítica de alguns projetos paisagísticos, exemplificando a artificialização/uniformização das paisagens no meio ambiente urbano em países como o Brasil, Alemanha, Estados Unidos e Japão.

In a globalized world, the landscape becomes "virtual" It can be reinterpreted and recreated. It can also be reproduced in every point of the earth with its essential characteristics. Thus, the cloning of specific landscapes and the creation of "placelessness" become possible. In a society where the greatest human pleasure is apparently the consumption, the visual and functional uniformization of open public spaces in the urban environment becomes evident. Parks look more and more like shopping malls and malls become "greener and greener" With the proliferation of theme parks, the idyll is transformed into a sort of open-air shopping centre. This paper makes a critical analysis of some landscape projects, by exemplifying the artificialization/uniformization of urban landscapes in countries like Brazil, Germany, United States and Japan.

Clonagem de Paisagens:

Como Alguns Projetos de Intervenção Transformam as Paisagens Urbanas em Não-Lugares*

A Bahia vai produzir clones de mudas frutíferas para exportação. A inauguração da nova *bio-fábrica* da Embrapa, em Cruz das Almas, aumentará a produção de mudas de alta qualidade no mercado e possibilitará o treinamento de técnicos e agricultores baianos. Em época de discussões éticas sobre a clonagem de seres humanos, descobre-se também “lucratividade” na clonagem de vegetais. Descobre-se ainda “praticidade” na clonagem de algo até então construído apenas no decurso de longos períodos de maturação natural, social e cultural: a paisagem.

O geógrafo francês Vidal de La Blache foi um dos pioneiros nos estudos que se norteavam na paisagem para melhor entender a relação homem-natureza. De acordo com a teoria de Vidal, o homem se adaptou em cada lugar ao meio que o envolvia, criando um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou “gênero de vida” o qual exprimiria uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades.

Em um mundo globalizado, a paisagem torna-se “virtual” Pode-se reinterpretá-la e recriá-la. Pode-se também reproduzi-la em todos os pontos da superfície terrestre sem prejuízo de suas características es-

senciais. De acordo com as expectativas do usuário, é possível a clonagem de paisagens específicas e a criação do “não-lugar”. Em uma sociedade onde o maior prazer humano está aparentemente no consumo, é patente a uniformização visual e funcional dos espaços livres públicos. Os parques se assemelham cada vez mais aos *shopping centers* e os *shopping centers* se tornam cada vez mais “verdes”. Grandes centros de consumo americanos transformam-se aos olhos dos clientes em fantásticas paisagens “naturais” com florestas e cachoeiras encenadas. Com a proliferação dos parques temáticos, o idílio transforma-se em uma espécie de *shopping center* a céu aberto.

Projetos arrojados realizam o sonho de Roberto Burle Marx de reproduzir ecossistemas naturais no contexto urbano, para que os habitantes de uma grande cidade possam ver as maravilhas da floresta tropical brasileira, dos cerrados e savanas, do sertão semi-árido e da caatinga. Em cidades européias e americanas esses mundos foram “enjaulados” em redomas de vidro e abertos à visitação pública. Um clone da paisagem florestal brasileira substitui para o europeu e o norte-americano a visão da paisagem real e longínqua.

Calcado numa visão de restauração e aumento da diversidade vegetal, o projeto de recomposição paisagística da Praça do Relógio, no campus da Universidade de São Paulo, procura restituir a riqueza original dos ecossistemas que um dia ocupavam aquele espaço¹. A comissão encarregada de analisar os aspectos paisagístico-ambientais e elaborar uma proposta de ação achou que um zoneamento para a distribuição das diversas comunidades vegetais específicas, em conjunto com uma definição de praças temáticas, poderia transformar o que antes era visto como uma grande esplanada amorfa num espaço propiciador de experiências estético-sensoriais.

(1) LIMA, C. P. C. dos S., PELLEGRINO, P. R. M. A procura de novos paradigmas para os espaços livres urbanos: o caso do campus da USP em São Paulo 1996. II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. São Paulo, *Anais*, São Paulo: Universidade de São Marcos/FAUUSP, 1996, p. 201-203.

No norte da Alemanha, no castelo Cappenberg, uma equipe liderada pelos professores Hugo Kükelhaus e Rudolf Zur Lippe, concebeu o projeto de um parque que deverá funcionar como uma “Escola de Sensações” para os visitantes². Pontes suspensas, pisos com materiais diversos, jardins de plantas aromáticas, labirintos, uma galeria de “sensações táteis”, um relógio solar e equipamentos de ressonância propiciarão aos usuários a possibilidade de despertar os cinco sentidos, adormecidos por um cotidiano de cimento e asfalto. Aqui, a clonagem de paisagens parece servir a um objetivo mais nobre, quase como um contraponto às catedrais de consumo a céu aberto.

Objetivos nobres parecem nortear também os subsídios aos agricultores dos Alpes austríacos e suíços, impossibilitados de continuar a aplicar suas técnicas tradicionais na produção dos famosos queijos e vinhos. Sem os subsídios, essas pequenas propriedades agrícolas desapareceriam sob o peso da concorrência da agricultura mecanizada e com elas os últimos vestígios de uma paisagem “cultural” que agora se quer preservar. Os subsídios são muito mais um salário pago aos agricultores, para que continuem a produzir de modo artesanal e, desse modo, não alterem a paisagem historicamente construída. Concebe-se, assim, uma espécie de “museu cultural” onde os agricultores passam a desempenhar a função de “guardiães da paisagem”.

Para o geógrafo Milton Santos, a evolução dos sistemas de engenharia transforma também uma divisão de trabalho local simples em uma cooperação geograficamente estendida e complexa, com o uso de técnicas cada vez mais estranhas ao lugar. Um exemplo lembrado por Santos é a irrigação criada no século passado na região de Brumado, com técnicas que eram o resultado de uma interação direta entre o grupo e o seu pedaço de natureza. As novas formas de irrigação são, no entanto, o resultado de técnicas estranhas ao grupo³. A nova divisão internacional do trabalho exige uma artificialização cada vez maior dos meios de vida e de trabalho, assim como da própria vida; desaparece a relação direta e estreita entre a paisagem e os meios de produção. É assim que as paisagens passam a ser encenadas, simuladas e consumidas como “clones”, descontextualizando o lugar e transformando-o em não-lugar.

[2] KÜKELHAUS, H., ZUR Lippe, R. *Entfaltung der Sinne. Ein “Erfahrungsfeld” zur Bewegung und Besinnung*. Frankfurt an Main: Fischer Alternativ, 1982.

[3] SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 80-81.

Nos últimos anos a concepção dos parques públicos vem sofrendo modificações decorrentes de uma maior demanda social por atividades de esportes e lazer. A sociedade pós-moderna, com uma jornada de trabalho mais reduzida, uma maior expectativa de vida e uma maior conscientização ecológica, favorece a criação de novos parques, com concepções renovadas e originais.

Japão e Estados Unidos mostram como serão os parques do futuro: é nestes países que um grande número de novos projetos paisagísticos vêm sendo implementados. Paisagens de lazer com múltiplas atrações, que combinam *high-tech*, artigos de consumo, atrações "naturais" estátuas/figuras, praias artificiais, jogos, "aventura" curiosidades aeroespaciais, restaurantes e vegetação.

Nestes parques modernos a expectativa é de suprir as necessidades diversas dos usuários, que vão desde a necessidade de "aventura" à necessidade de "natureza selvagem" sem exposição aos riscos reais, inerentes a tais experiências. Deste modo, a ordem é "encenar" e "simular" o mundo real, tornando-o mais acessível e seguro aos seus usuários.

Em um mundo onde tudo parece descoberto pelo homem, dos picos mais altos das montanhas até as profundezas marítimas, onde todos os animais foram domesticados e todas as maravilhas da natureza fotografadas, o usuário quer experimentar todas estas sensações, mesmo que elas lhe cheguem de uma maneira simulada (sem esquecer, é claro, da foto para o álbum de recordações da família)⁴.

A concepção de áreas de lazer que funcionem independentemente das condições climáticas, bem como a "encenação" de diferentes zonas climáticas em "redomas de vidro" mostram a "interiorização" destas áreas em detrimento daquelas a céu aberto. Deste modo, parques e *shopping centers* vão se tornando cada vez mais próximos. E é provável que em um futuro bem próximo seja impossível distingui-los.

Uma outra tendência verificada nestes países (e também na Europa) é o conceito *shop-in-shop*, que interliga *shopping centers* menores, sem hierarquizá-los, lembrando os parques temáticos, onde pequenas atra-

(4) MILCHERT, J. Der Park. *Traditionen und modelle. Bauwelt*, n. 34, p. 1762-1771. Berlin, 1991.

ções e elementos paisagísticos diversos estão distribuídos de forma contínua no espaço, dotando o conjunto de atratividade. De acordo com isso, a ordem é a descentralização dos grandes centros de consumo em pequenos *shoppings* interligados⁵.

Por outro lado, nos grandes centros de consumo norte-americanos vem se trabalhando, já há algum tempo, com a encenação de fantásticas paisagens. Praças internas transformam os *shopping centers* em espaços verdes, com cachoeiras e paisagens tropicais. Além do “verde” o usuário passa a usufruir da segurança destes centros de consumo, muitas vezes ausente dos espaços livres públicos.

Em Los Angeles os extremos se tocam: em nenhuma outra cidade norte-americana céu e inferno se aproximam tanto! Sonhos e pesadelos convivem lado a lado. Por isso, não é de se admirar que arquitetos e *designers* busquem sempre o “pouco convencional” o inusitado, uma nova interpretação para o velho *american dream*⁶

Um exemplo disso é o projeto do arquiteto Ricardo Legoretta para o novo *Pershing Square*, com uma área de 2.000 m². É um lugar geometricamente elaborado com formas esculturais e piso de tons rosas e marrons que harmonizam a praça com as fachadas dos edifícios vizinhos. Elementos naturais como árvores e cachoeiras se contrapõem com vidro, aço e concreto. Um pavilhão amarelo abriga um *snack bar*. Colunas de concreto vermelhas estabelecem o limite entre a rua e a praça (entre lugar e não-lugar?)⁷

O arquiteto-paisagista japonês Kenzo Ogata acha que a escolha das pedras corretas, dispostas nos lugares corretos, é o maior segredo do paisagismo japonês. Um projeto de Ogata em Tóquio mostra que a arte japonesa de fazer miniaturas de plantas e jardins para fins meditativos nunca esteve tão afiada. As plantas foram tão “naturalmente”

(5) Idem, *ibidem*.

(6) LUDWIG, K. H. C. Pershing Square Los Angeles. *Garten + Landschaft*, 3/1995, p. 16-19. Munique: Callwey Verlag, 1995.

(7) Idem, *ibidem*.

colocadas que os visitantes têm a impressão de que não poderia ser mesmo de outra forma. O riacho, a ponte, o lago, tudo contribui para a construção da harmonia entre homem e natureza⁸.



guisa de conclusão: O Parque do Abaeté em Salvador, Bahia

A gente cresce na Bahia ouvindo músicas que exaltam nosso patrimônio natural e cultural. “Você já foi à Bahia, nega?” Se for, não deixe de ver o Abaeté, aquela lagoa escura, arrodada de areia branca. Não essa nova, arrodada de concreto armado. Um lugar funcional? Alguém mais afoito poderia até responder que sim, mas, convém perguntar onde levam os caminhos no projeto de paisagismo do parque mais conhecido da cidade. Resposta simples: a nenhum lugar.

No Parque do Abaeté os caminhos serpenteiam a lagoa, mas não conduzem a ela, deixando-a escondida atrás das muitas edificações existentes no local. Nada contra a galeria com pérgola e os belos mirantes: o fato de deixarem uma sensação de incômodo para os usuários freqüentadores antigos do lugar é que a concepção do projeto como um todo “esquece” propositadamente a lagoa, negando o lugar e criando um não-lugar. Os caminhos do projeto conduzem a não-lugares espalhados “organicamente” pelo espaço e ligados por caminhos curvos em mosaico português branco, que levam o visitante aos mirantes e quiosques de coco e acarajés, ao centro de atividades, com lojas, restaurantes e lanchonetes, ou aos espaços de recreação infantil⁹

Nada contra também às arquibancadas escultóricas dos amplos passeios sombreados, mas ao transformar a lagoa em uma não-lagoa, o projeto paisagístico “virtualiza” o real e coloca o visitante quase como um espectador das belezas do “novo” não-lugar (e os mirantes aca-

(8) KORTEN, K. Fukutake Shoten. *Garten + Landschaft*, 3/1995, p. 29-32. Munique: Callwey Verlag, 1995.

(9) Idem, *Ibidem*.

bam reforçando esta postura contemplativa). A Casa das Lavadeiras é o exemplo mais gritante disso. O projeto visa integrar a lavanderia comunitária ao parque, *“como as lavadeiras sempre estiveram à lagoa”* mas reserva para elas, como a todos os visitantes, o papel de meras observadoras das belezas da lagoa ao longe, completamente “destacada” do parque. A lagoa e suas lavadeiras mereciam melhor sorte.

Ruim com o parque, pior sem ele, diriam os soteropolitanos mais afoados (modernos?). Ninguém esquece que antes do parque eram os garimpeiros de areia, os comedores de dunas brancas, eram as invasões e a destruição da vegetação nativa. A Bahia protestou, Gil e Caetano reclamaram, e ganhamos o parque de presente. Ganhamos o parque e perdemos a lagoa. Aquela escura, arrodada de areia branca...

A globalização e o turismo não podem prescindir da visão do habitante do lugar: o Parque do Abaeté é “global” (poderia estar às margens do rio Danúbio, por exemplo, ou quem sabe às margens da lagoa Rodrigo de Freitas), mas lhe falta ares “locais” de baianidade explícita. O pensamento paisagístico pode (e deve) falar uma linguagem universal, mas é indispensável que incorpore – sem foclore – a questão regional e valorize as diferenças entre os lugares. Estamos fartos de não-lugares!

(*) Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações Especiais do V SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. Departamento e Mestrado de Geografia (UFBA)/ Associação de Geógrafos Brasileiros, Salvador, 21 a 24 de outubro de 1997